

O ANTROPOCÉNICO, UMA QUESTÃO SENSÍVEL

Davide Scarso

Departamento de Ciências Sociais Aplicadas
Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologia
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade NOVA de Lisboa

Há já várias décadas que investigadores de diferentes disciplinas científicas têm vindo a apresentar provas cada vez mais sólidas de que as actividades humanas – e, de forma mais significativa, desde o início da industrialização – alteraram de maneira radical os ciclos físicos e químicos mais importantes para a vida no nosso planeta. Sabemos, por exemplo, que a nível global, 50% da água doce de superfície é, de uma forma ou outra, captada para usos humanos; que entre 25 e 40% dos produtos da fotossíntese são também objecto de utilização por parte de seres humanos; e que cerca de 40% das proteínas presentes na nossa alimentação provêm de fertilizantes artificiais (Vitousek et al., 1986, 1997; Galloway e Cowling, 2002). Recorrendo a uma imagem que parece mais do que apenas uma feliz metáfora,

o jornalista, ambientalista e escritor Andrew Revkin (2010) compara o desenvolvimento tecnológico moderno a uma enorme experiência biológica e observa: “a ciência tem-nos permitido sentir cada vez mais que a nossa placa de Petri tem um bordo”. Há quem considere que estas alterações antropogénicas – ou seja, provocadas por seres humanos – são profundas ao ponto de deixarem uma marca visível e duradoura na história da Terra. Por isso o ecólogo norte-americano Eugene Stoermer e o Nóbél da Química holandês Paul J. Crutzen (2000) defenderam a necessidade de um reconhecimento formal do facto de termos entrado numa nova época geológica, o ‘Antropocénico’, isto é, a nova era do Homem (ou do ‘ser humano’, numa aceção um pouco mais abrangente). A proposta, objecto de uma recomendação provisória no Congresso Internacional de Geologia de 2016, continua a ser debatida tanto dentro como fora das Ciências da Terra e, com toda a probabilidade, continuará a sê-lo por algum tempo.

Independentemente de vir ou não a ser aprovada, estima-se que hoje o consenso entre os cientistas do clima relativamente à origem humana das mudanças climáticas (talvez a face mais visível do Antropocénico) esteja entre os 90 e os 100% (Cook et al., 2016). Sinais de que estamos a entrar num período de grande instabilidade climática, com fenómenos extremos a tornarem-se cada vez mais intensos e mais frequentes, não faltam.

Também não há dúvida de que há cada vez mais informação e discussão em torno das questões ambientais e que os currículos escolares incluem temas como a conservação e a sustentabilidade logo a partir dos primeiros anos de escolaridade. No entanto e, apesar de importantes iniciativas tomadas no âmbito das Nações Unidas para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa – como o Protocolo de Kyoto ou as mais recentes “promessas” do Acordo de Paris – a quantidade de dióxido de carbono antropogénico na atmosfera não pára de

aumentar (Le Quéré et al., 2018).

Fala-se muito da necessidade de uma mudança, mudança que para alguns deveria ser radical. Precisamos de mudar as nossas atitudes, adoptar novas formas de nos relacionarmos com a natureza, precisamos de uma nova visão do mundo ou até de uma nova ontologia, como dizem os filósofos. Porém, como isso se faz ninguém sabe ao certo e, por enquanto, tratam-se apenas e, na melhor das hipóteses, de boas intenções.

Num *post* bastante contundente, o biólogo marinho, escritor e realizador Randy Olson (2011) denunciou a circularidade e evidente falta de eficácia das comunicações em torno do aquecimento global. Apesar de serem cada vez mais frequentes e mais bem fundamentadas, as acções de informação e sensibilização caem muitas vezes num *nerd loop*, isto é, são realizadas por especialistas e não chegam senão a outros especialistas ou a pessoas já sensíveis à questão. Aqueles que estão preocupados em sensibilizar as pessoas para os riscos das mudanças climáticas, dizia Olson, devem ser mais experimentais e mais criativos. Devem sair mais vezes dos centros de investigação e das salas de conferência, procurando outras formas de envolver o famigerado “público em geral”, sem ter medo de tecer novas alianças com as artes e as humanidades. Foi por isso que o próprio Olson, justamente com o intuito de tornar as questões ambientais mais “visíveis” e de alcançar uma audiência tão extensa quanto possível, associou as suas investigações em biologia marinha a uma carreira de cineasta.

Comentando os escassos resultados das iniciativas sobre os riscos climáticos, numa entrevista com os criadores do *podcast* “Generation Anthropocene”, o biólogo Paul R. Ehrlich (2012) – autor de *A bomba demográfica* – observava que o problema principal é que o dióxido de carbono é transparente e não o conseguimos ver. Se fosse, por exemplo, vermelho, dizia, e se todos nós víssemos o céu assumir uma tonalidade cada vez mais avermelhada, semana após semana, já teríamos tomado

medidas concretas para limitar as emissões de CO₂.

Levando o raciocínio um pouco mais longe, talvez então a prioridade, mais do que pregar novas atitudes ou tentar incutir novos valores, seja a de fomentar uma nova percepção, uma nova sensibilidade. Uma das tarefas mais urgentes para todos nós – mulheres e homens que estudam, investigam, ensinam e se preocupam com as questões ambientais – seria assim a de desenvolver novas formas de criação de conhecimento que nos permitam perceber os mil fios que ligam as nossas vidas às vidas dos inúmeros seres não-humanos com quem partilhamos este planeta.

Falamos de visibilidade, de tornar visível, da necessidade de uma nova visão, mas talvez possamos começar precisamente por pôr em causa o hábito – sem dúvida não apenas verbal – de considerar aquilo que nos passa pelos olhos muito mais relevante do que aquilo que nos passa, por exemplo, pelos ouvidos. Porque não começarmos precisamente por disputar esta mais ou menos implícita hierarquia do sensível? Porque não, além de tentarmos ver as coisas de outra forma, não procuramos antes ouvi-las e escutá-las? Porque não explorarmos a possibilidade de novas formas de relacionamento com tudo aquilo que nos envolve poderem surgir, se dermos mais atenção à audição? Porque não, além de reconhecermos o ambiente acústico como componente essencial da nossa experiência, não abordamos o som também como possível fonte de conhecimento?

Esta exposição e este livrinho, que prolongam os trabalhos do *workshop* “Soundscape Campus” realizado no ano passado, têm precisamente o intuito de explorar os diferentes ambientes sonoros que habitamos diariamente, as formas como – na maioria das vezes sem nos darmos conta – reagimos aos sons que nos envolvem e as técnicas que nos permitem registá-los e manipulá-los de forma criativa.

Estamos convencidos de que, para estar à altura dos

complexos desafios que a ideia de Antropocénico anuncia, precisamos de novas experimentações institucionais que permitam cruzar diferentes formas de produção de conhecimento, tanto dentro como fora das universidades. Foram recentemente empreendidas experiências importantes nesse sentido, como a organização do *Anthropocene Campus* em Berlim e Filadélfia. Estas nossas iniciativas, que se devem em primeiro lugar ao impulso e ao trabalho de Ivo Louro, tentam dar um pequeno contributo nessa direcção.

BIBLIOGRAFIA:

Cook, J. et al. (2016). Consensus on consensus: a synthesis of consensus estimates on human-caused global warming. *Environmental Research Letters*, 11, 048002.

Crutzen, P. J e Stoermer, E. F. (2000). The “Anthropocene.” *Global Change Newsletter* 41, 17–18.

Ehrlich, P. R. (2012). Heading to Hell in a Handbasket [Audio podcast]. Acedido em: <https://web.stanford.edu/group/anthropocene/cgi-bin/wordpress/wp-content/uploads/2012/06/Ehrlich-Paul.mp3>

Galloway, J. N. e Cowling, E. B. (2002). Reactive nitrogen and the world: 200 years of change. *AMBIO: A Journal of the Human Environment*, 31(2), 64-71.

Le Quéré, C. et al. (2018). Global Carbon Budget 2017. *Earth System Science Data*, 10, 405–448.

Olson, R. (2011). The Nerd Loop: why I’m losing interest in communicating climate change [Post em blogue]. Acedido em: <https://web.archive.org/web/20110410220146/https://thebenshi.com/2011/04/06/124-the-nerd-loop-why-im-losing-interest-in-communicating-climate-change/>

Revkin, A. C. (2010). Which Comes First? Peak

Everything or Peak Us? [*Post* em blogue]. Acedido em: <https://dotearth.blogs.nytimes.com/2010/09/13/which-comes-first-peak-everything-or-peak-us/>

Vitousek, P. M. et al. (1997). Human Domination of Earth's Ecosystems. *Science*, 277(5325), 494-499.

Vitousek, P. M. et al. (1986). Human Appropriation of the Products of Photosynthesis. *BioScience*, 36(6), 368-373.